

Tornar Figura o que Foi Invisibilizado: comentários sobre a obra *Living at the Boundary*, de Laura Perls

Hacer Figurar lo que se Ha Invisibilizado: comentarios a partir de la obra Living at the Boundary, de Laura Perls

Bring to the Foreground what Was Made Invisible: comments on Laura Perls' Living at the Boundary

Living at the Boundary.

PERLS, Laura. U.S. The Gestalt Journal Press, 2012-1991.

Resumo: O presente trabalho é uma resenha da obra *Living at the Boundary* (1991), de Laura Perls. Percebemos a necessidade de retomar conceitos da Gestalt-terapia a partir das concepções da autora e co-fundadora da abordagem, que sofreu um processo de invisibilização que repercutiu até a atualidade. A obra analisada é uma coletânea de textos publicados entre os anos 1939 e 1990. Ao longo da resenha, apontamos concepções importantes sobre os conceitos de agressão e de suporte, sexualidade, infância e do estilo próprio de Laura de fazer Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Laura Perls. Gestalt-terapia. Psicoterapia Gestáltica.

Resumen: El presente trabajo es una revisión de la obra *Living at the Boundary* (1991), de Laura Perls. Nos damos cuenta de la necesidad de retomar conceptos de Gestalt-terapia desde las concepciones del autor y co-fundador del enfoque, que ha sufrido un proceso de invisibilidad que repercute hasta el día de hoy. La obra analizada es una colección de textos publicados entre los años 1939 y 1990. A lo largo de la revisión, señalamos concepciones importantes sobre los conceptos de agresión y apoyo, sexualidad, infancia y el estilo propio de Laura de hacer Gestalt-terapia.

Palabras clave: Laura Perls. Terapia Gestalt. Psicoterapia Gestalt.

Abstract: The present work is a review of Laura Perls' book *Living at the Boundary* (1991). We realized the necessity to rescue Gestalt-therapy's concepts from the conceptions of this author and

co-founder of the theory, which has suffered a process of invisibilization that reverberates until now. The work analyzed is a collection of texts published between 1939 and 1990. Throughout the review, we pointed out important conceptions about the concepts of aggression and support, sexuality, childhood and Laura's unique style of making gestalt-therapy.

Keywords: Laura Perls. Gestalt-therapy. Gestalt Psychotherapy.

INTRODUÇÃO

O livro *Living at the Boundary* é composto por uma coletânea de textos e entrevistas de Laura (Lore) Perls, datados entre 1939 e 1990. A obra foi publicada pela primeira vez em 1991 pela editora Gestalt Journal Press, em língua inglesa, com edição por Joe Wysong. Não há edição em língua portuguesa, apenas uma edição espanhola, de 1992. Laura Perls foi uma das fundadoras da Gestalt-Terapia. Suas contribuições foram fundamentais para a elaboração da teoria, entretanto, somente mais recentemente percebemos um movimento de resgate e reconhecimento da importância de seus conceitos e produções.

No decorrer da leitura, entramos em contato com as perspectivas da autora sobre o conceito de agressão e *desestruturação (mais conhecida como destruição)* em Gestalt-Terapia, sexualidade, infância, suporte e contato. Também, tivemos a oportunidade de ver um pouco do estilo de Laura por meio de uma transcrição de um de seus *workshops*. Delineamos a resenha de acordo com a divisão da obra. A "Primeira Parte: História" é composta por dois textos relativos ao desenvolvimento da

Gestalt-terapia e do Instituto de Gestalt-terapia de Nova Iorque. Por sua vez, a “Segunda Parte: Teoria” apresenta textos diversos sobre temas relativos à abordagem prática e às teorias de base.

1. Parte Um: A história

1.1. Uma Conversa com Laura Perls

O primeiro texto da coletânea é a transcrição de uma entrevista realizada por Daniel Rosenblatt, amigo e colaborador de Laura, e que nos permite conhecer melhor a trajetória da autora. Laura amava música e tocava piano desde os cinco anos, era bailarina, poetisa, se interessava por filosofia, linguística e psicologia. Apesar desses interesses, Laura acreditava que iria trabalhar nos negócios da família, e sua carreira profissional começou como estudante de Direito e Economia, sendo considerada como uma das primeiras mulheres da Alemanha a ingressar na faculdade de Direito. Porém, seus estudos sempre se voltavam para o viés psicológico – o que a fez trocar de área de estudo.

A autora rememora seu período na Universidade de Frankfurt, na Alemanha, em que realizou seu Doutorado em Psicologia, período no qual trabalhou com o neurologista Kurt Goldstein, criador da teoria organísmica (importante base teórica para a Gestalt-terapia) até o período nazista, momento em que muitos professores, incluindo Goldstein, migraram para Nova Iorque. Também destaca o contato com outros autores que tiveram influência na construção da mentalidade gestáltica.

Nesta entrevista, Laura aponta suas influências na área da dança, por meio das aulas de eutonia e ginástica e no trabalho corporal, com influências do Feldenkrais. Ao ser perguntada sobre sua relação com a teoria de Wilhelm Reich, conta que incorporou o conceito de *courage corporal* ao ter contato com a teoria e os diálogos com Fritz – que fez análise duran-

te algum tempo com Reich – vinculado com a teoria organísmica de Goldstein, com quem tinha experiência de trabalho e estudo.

Outro ponto importante desta entrevista está em um comentário que Laura faz sobre o conceito de agressão e sua participação na elaboração e escrita do livro *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), assinado por Fritz Perls. Ela conta que escreveu dois capítulos do livro. Entretanto, sabemos que, até hoje, a autoria não é devidamente atribuída. Para ela, a agressão no ato de mastigar é uma *desestruturação* e não uma *destruição*. De acordo com Laura, a destruição implica em algum nível de hostilidade, enquanto que a desestruturação e a reestruturação possibilitam o crescimento. Outras discussões importantes trazidas por Laura ao longo da entrevista foram: o corpo como sistema de suporte associado ao sistema muscular voluntário; o período na África do sul, onde puderam desenvolver outras abordagens para as faltas que encontraram na psicanálise; a psicoterapia como uma arte e a importância da Filosofia Oriental para a concepção de *ser um corpo*, de forma holística.

1.2. An Anniversary Talk

An Anniversary Talk é a transcrição de um discurso feito por Laura no aniversário do Instituto de Gestalt-terapia de Nova Iorque. Nesse discurso, podemos observar a relevância que a gestalt-terapeuta teve na formação de inúmeros alunos, bem como na organização administrativa, acadêmica e financeira do instituto. Laura relembra que os quatro primeiros professores do Instituto foram: Paul Goodman, Paul Weiz, Elliot Shapiro e Isadore From, além dela e de Fritz Perls. Dentre estes nomes, ela enfatiza a importância de Paul Goodman para a Gestalt-terapia, já que suas contribuições foram engajadas de forma ética e política, colaborando também para a escrita do livro *Gestalt-terapia* (1951).

Ao longo do texto, a autora comenta sobre os demais professores e membros do Instituto. É interessante a honestidade com que Laura pontua sua percepção sobre Fritz Perls: sem o apoio dado por ela e por amigos, Fritz não teria fundado a gestalt-terapia enquanto abordagem, nem escrito ou organizado-a teoricamente. Atentarmos ao que Laura diz sobre seu parceiro e marido é importante, considerando que o nome de Fritz geralmente vem à frente quando se fala de Gestalt-terapia e o de Laura permanece invisibilizado, em um plano secundário ou em notas de rodapé nos textos clássicos da abordagem.

Mais à frente no texto, ela também enfatiza que algumas pessoas que foram alunas do instituto ou participaram dos *workshops* em gestalt-terapia não conseguiram compreender, de fato, os fundamentos da abordagem. Quando Laura pontua isto, refere-se a terapeutas de várias partes do mundo que se deslocavam para Nova Iorque no intuito de conhecer e participar dos *workshops* gestálticos e acabavam reproduzindo as práticas vivenciais realizadas nos encontros. Isso levou a um “anti-intelectualismo”, o que, na época, reduziu a gestalt-terapia a uma abordagem, às vistas de Laura, simplista, contribuindo para que não fosse encarada com rigor por outros profissionais. Percebe-se que este movimento de reprodução de alguns aspectos da gestalt-terapia, principalmente à experimentação, e a negligência de pontos importantes da epistemologia de base permanece até os dias atuais, contribuindo para a manutenção da reprodução e o afastamento das origens críticas ao *status quo* da abordagem.

2. Parte Dois: Teorias

2.1. How to Educate Children for Peace

Este texto foi publicado originalmente em alemão, enquanto Laura residia na África do Sul, em 1939, quando a autora ainda se

considerava psicanalista. Evidencia-se ainda que apontamentos sobre o conceito de *agressão* já haviam sido feitos, anos antes da publicação de *Ego, fome e agressão* (1942/2002).

Neste sentido, a agressão é um impulso necessário ao desenvolvimento humano, que, a despeito disso, tende a ser suprimido na cultura ocidental, segundo Laura. As pessoas são educadas à pacificação desde a infância, impossibilitadas de viver (morder e mastigar) e aprender a lidar (digerir) com cada situação em prol de uma demanda por obediência cega. Ao interromper a *agressividade* infantil, corre-se o risco de suprimir a curiosidade e os questionamentos da criança, mesmo que se manifestem como mordidas, gritos e arranhões.

Quando adultos, esta supressão pode levar à falta de criticidade e ao desenvolvimento de pessoas que seguem ideais e grupos sem questionar. Laura relaciona essa educação supressora aos regimes fascistas e às guerras. Para ela, a agressão reprimida precisa sair e escapar de alguma forma, o que retorna coletivamente, na cultura ocidental, por meio da construção de instrumentos de guerra e regimes opressores.

A autora aborda ainda o ato de empurrar o alimento garganta abaixo da criança, em contraponto à mastigação. Ela enfatiza que tal exemplo não é apenas uma metáfora, mas uma forma de assimilação do alimento físico que também diz sobre a assimilação do “alimento intelectual”. Desta forma, ela aponta que educar crianças para paz é permitir que sintam e experimentem, ainda que isso implique em permitir que objetos sejam eventualmente quebrados, que questionamentos sejam feitos e respondidos de forma honesta, por mais que, para muitos pais, reprimir a agressividade parece ser a via mais fácil no sentido de evitar desgaste ou conflito. Apenas a partir da permissão para se experimentar, desenvolver-se-á formas de lidar com a agressividade e o desenvolvimento do potencial criativo.

2.2. Notes on the Mythology of Suffering and Sex

Neste texto, escrito em 1949, Laura passeia pela mitologia cristã, fazendo paralelos com a mitologia grega. Ela nos conta sobre a persistência das concepções derivadas do cristianismo na cultura ocidental e a consolidação da ciência moderna. Segundo a autora, fazer releituras e desconstruir crenças que enrijecem as relações, podem ser caminhos para atualização e crescimento. Destacamos aqui que, apesar de não aparecer na reflexão da autora especificamente nesta obra, é importante ressaltar que existem outras mitologias que buscam dar sentido às existências e que foram/são suprimidas no processo de colonização, no entanto conseguem resistir de formas diversas.

A ideia central do capítulo é que a interpretação da queda do homem, presente na história de Adão e Eva, é prematura. Laura argumenta que a separação do homem de Deus e do Paraíso pode indicar aspectos mais complexos da organização da experiência humana e na forma de lidar com a sexualidade. Os impactos da interpretação seguem as condições de que ao homem restou o castigo do trabalho, que, ainda assim, é um processo criativo. À mulher, sobrou o sexo e a culpa, fardo que só consegue ser redimido, de algum modo, ao dar a luz a filhos homens.

Laura aponta que a queda não foi o ato sexual em si entre Adão e Eva, mas sim a percepção da diferença. Diante da confluência rompida, o homem designa ao ato sexual, a culpa, já que lidar com a escolha exigirá responsabilidade e tomada de consciência. A partir deste argumento, a autora discorre acerca do mito do sofrimento, no qual a punição divina parece continuar a influenciar as escolhas que se distanciam de uma regra moral.

Ao fim do texto, Laura segue com a releitura da gênese cristã ao citar o Espírito de

Deus. Ela faz uma análise acerca da proposição de criação do mundo que a visão cristã/bíblica compreende como pecado e apresenta a perspectiva de que a queda de Adão e Eva do Paraíso e a associação à desobediência assume uma forma maniqueísta de mundo. A partir do entrelaçamento destas ideias, a espera pelo retorno do messias é inundada de restrições e penitências em nome do preenchimento das lacunas do *pecado original*. Ressalta ainda que o sofrimento de Cristo não é visto como parte do processo de renascimento/criação. Ao contrário, a ressurreição é vista como um milagre, desassociado de toda experiência de vida. Por isso, ao ser humano, resta apenas o sofrimento, enquanto as maravilhas da criação são atribuídas a Deus.

2.3. The Psychoanalytic and the Critic

Este capítulo, publicado originalmente no Volume II (1950) da revista *Complex* de Paul Goodman, tem como proposta a leitura crítica de obras de autores contemporâneos à Laura, principalmente, a respeito de questões como a expressão de si pela arte e imaginação e a liberdade. A partir disso, Laura compara o papel da artista com o da psicanalista: ambas têm em comum o objetivo de criação de novas formas, capazes de provocar autoconsciência, instigar o movimento e a novidade.

Diferente da artista, que é envolvida intimamente com sua obra, a terapeuta é uma mediadora, entre o conflito neurótico do cliente e sua autorrealização. Ambos são trabalhos que envolvem a reorganização de uma multitude de experiências, desestruturando e reconstruindo-as de maneira que se criem novas formas, diferentes das originais. A artista e a terapeuta trabalham por uma nova e válida solução dos conflitos de sua época (importante considerar o marcador histórico-social no qual se está inserido), tornando-se, assim, criadores de sua própria cultura.

Em um dos trechos mais relevantes deste capítulo, a autora cita um dos apontamentos de Lionel Trilling (1950) para a tendência da época (e que se estende até os dias de hoje) de que terapeutas se formam como reprodutores de técnicas. Entretanto, identifica que esta tendência é “incapaz de produzir a sensibilidade e responsabilidade que são necessárias e desejadas para a manutenção da existência de uma verdadeira democracia”.

Observa-se ainda a predominância da teoria psicanalítica: a autora usa de maneira frequente conceitos psicanalíticos e cita Sigmund Freud em alguns momentos do texto. Já em outros parágrafos, conseguimos observar a emergência de conceitos gestálticos como: *awareness*, *retroflexão*, *suporte*, dentre outros. Também é possível perceber o movimento crítico de Laura, que denuncia as contradições das ideologias liberais que situam a razão como centro da direção da vida humana, em detrimento das emoções e da imaginação. Frente a isso, defende a consciência da complexidade da experiência humana e o caminho histórico cultural como vasto e profundo, assim como o compromisso com a criatividade.

2.4. Notes on the Psychology of Give and Take

Laura apresenta, neste capítulo, mais uma de suas análises a respeito da cultura e seus impactos na produção de subjetividades. Esta análise em texto foi publicada no Volume IX da revista *Complex* em 1953. A respeito dos tipos de trocas realizadas entre as pessoas na sociedade, a autora explica que, entre dar e receber, há um leque de processos sociais que têm como objetivo o equilíbrio do campo social. Os presentes em forma de *ajuda*, por exemplo, podem se configurar em atos de obrigação e que, muitas vezes, não se baseiam nas reais necessidades de quem os recebe; podem funcionar também como estratégias de alívio

da culpa do doador em relação a uma situação específica, o que acaba por não provocar mudanças reais nas desigualdades do campo social, e sim reafirmando-as.

Dentre outros exemplos, a autora menciona: os sacrifícios, que põem grande responsabilidade em quem recebe algo; a manipulação do outro através de subornos e ameaças, dada pela falta de validação de suas próprias necessidades; pagamentos e recompensas, que estão ligados ao mérito pelo esforço realizado ou por um serviço prestado, são expressões de gratidão e reconhecimento de valor para o restauo do equilíbrio social entre o prestador de um serviço e quem o recebe. Por mais que, de perto, essas ações possam parecer escolhas pessoais, no fundo, são reproduções de normas sociais introjetadas e que se tornam necessárias para a evitação de conflitos nas relações. No entanto, há necessidade de se pensar a serviço de que/quem o dar e receber se projeta.

2.5. Notes on Fundamental Support of the Contact Process

Este capítulo é um texto originalmente preparado para uma apresentação no Instituto de Gestalt-terapia de Nova Iorque, em 1953. Uma das principais contribuições de Laura Perls surgiu, em parte, de seu histórico com as práticas corporais e a dança. É possível observar o quanto seu estilo terapêutico era caracterizado pelo enfoque nas posturas e movimentos corporais.

Neste sentido, Laura confere grande importância ao que chama de funções de suporte: inseparáveis das funções de contato e que alternam entre si conforme a dinâmica figura-fundo. Ela define que o contato é sustentado para além da *awareness* da situação, por uma série de fatores constitucionais, tal qual a fisiologia primária, a postura, hábitos automatizados, dentre outros, que tenham sido assimilados e integrados à experiência total.

Assim, ela explora alguns exemplos de funções de suporte que dão base às formas de contatar o mundo, como a respiração – tão vital quanto beber, comer e digerir. De acordo com a autora, a consciência da discrepância entre as funções suporte e de contato é experienciada como ansiedade – falta de ar, a exemplo. Em outro momento, ela discorre sobre os seguintes conceitos: hábitos, que são padrões de comportamento pessoais de cada um; costume, que são padrões de comportamento sociais; e, também, o de estilo, que se trata de um modo único de fazer contato, baseado no suporte de padrões de comportamento assimilados e integrados.

O foco da terapia, diz a autora, estaria nos hábitos não completamente integrados e que atrapalham o contato pleno. Por isso, é papel do terapeuta trazer à luz da consciência as atitudes que se tornaram códigos de conduta pessoais e sociais não-escritos. Ela os diferencia da seguinte forma: as *maneiras* são hábitos pessoais, geralmente aceitos socialmente e introjetadas sem plena consciência de seu real propósito. Já os *maneirismos*, ela define como ajustamentos originalmente conscientes para alcançar autorregulação, os quais, em sua automatização, tornam-se exagerados ou fora de proporção para a situação presente.

Nesses momentos da obra, podemos observar o quanto o corpo e o social se fazem presentes na teoria de maneira importante. O contato, nesta perspectiva, é integração das funções id, ego e personalidade, em conjunto e em processo. Observa-se, em contraponto a este capítulo que, no contexto brasileiro de desenvolvimento da abordagem, deu-se muito enfoque à função ego e seus bloqueios, deixando em segundo plano as outras dimensões do sistema *self* e, portanto, outras clínicas, como a experiência de aflição e os ajustamentos psicóticos.

Desta forma, uma crítica importante que apontamos está na fragmentação da teoria

e prática em Gestalt-terapia, não apenas neste capítulo, mas no que discorreremos até aqui. Pensar o conceito de suporte, por exemplo, se faz importante, especialmente neste momento histórico e político, no qual movimentos sociais e novas frentes têm provocado mudanças nas práticas psicoterapêuticas por meio de releituras de obras clássicas e não traduzidas para o Brasil.

2.6. Two Instances of Gestalt-therapy

Neste capítulo, originalmente publicado no Volume III (1956) de *Case Reports in Clinical Psychology*, ficam evidentes características importantes do estilo terapêutico de Laura Perls: a abertura fenomenológica à experiência de cada cliente como única, a implicação na relação terapêutica e o enfoque nas características e ações corporais como funções de suporte. O desequilíbrio entre as ações e as funções de contato é o que se chama de neurose.

Laura preocupava-se especialmente com o alcance da coordenação entre funções de contato e de suporte. Para isso, ela afirma a necessidade de que terapeuta e cliente desenvolvam, juntas, tanto *awareness* de partes de si alienadas da consciência como, também, o fortalecimento de suporte assimilado e integrado à sua possibilidade no momento, para o contato pleno. Desta maneira, “evita-se o erro de contatar material profundo de forma prematura, que em um primeiro momento teve de ser ‘reprimido’ uma vez que foi insuportável em certo ponto na história do paciente” (1991, p. 71).

Os casos de Claudia e de Walter, apresentados e discutidos neste capítulo, apesar de terem pontos em comum em seus adocimentos, tiveram abordagens e desenvolvimentos diferentes ao longo das sessões. Isso revela a dimensão ética da gestalt-terapia, ligada à abertura fenomenológica, à singularidade de cada pessoa, e às sensações que o encontro no cam-

po fomenta na relação. Reconhecer e comunicar a sensação de estar entediada no encontro com Walter e a de estar sendo intimidada por Cláudia foram peças chave para desmascarar as estratégias de manipulação e os hábitos introjetados pelos clientes, desenvolver *awareness*, e, a partir disso, progredir na relação.

Também, a atenção na postura, nas áreas de tensão corporal, nas expressões faciais, na respiração e na voz, dentre outros aspectos, foram elementos que possibilitaram à gestalt-terapeuta compreender os clientes de maneira global, em seu comportamento total e acompanhar o continuum de sua experiência.

2.7. One Gestalt Therapist's Approach

Este capítulo foi apresentado em 1959 como artigo da conferência anual da *American Academy of Psychotherapists*, publicado em 1962, e revisado para publicação em *Gestalt Therapy Now*, em 1970. É especialmente representativo da ética que rege a Gestalt-terapia. Frente à série de perguntas feitas à autora, Laura revela alguns detalhes de seu manejo e dos embasamentos teóricos que a guiam. Algumas ideias-chave valem destaque. Por exemplo, em diversos momentos, Laura ressalta a importância de se proporcionar espaço para o desenvolvimento da autonomia da cliente e oferecer suporte para que isso aconteça. Ela pontua que trabalha com a forma que a cliente se apresenta no agora, não com o que poderia ou deveria ser. Então, por exemplo, se a pessoa chega relutante, há de se reconhecer que algo a trouxe a este encontro e aquele é o modo possível de estar na relação.

De acordo com a visão da autora, o ser humano está em constante conflito entre a expressão de sua singularidade e sua mortalidade. A ansiedade de estar entre essas polaridades é o solo para o surgimento de ajustamentos neuróticos. Dentre eles, está o que se chama de 'acting out', e que deve ser encarado como mais

uma expressão legítima do funcionamento do cliente, e que indica a falta de suporte para a mudança frente ao campo em que está inserido. As suas resistências são a principal fonte de suporte, e, por isso, tentar retirá-las pode ser violento e contribuir para a interrupção do processo de comunicação terapêutica.

Portanto, o trabalho de trazer à consciência as funções de suporte se faz por meio diversas ferramentas: demonstrar suas expressões e reações diante do que acontece na relação, o trabalho com sonhos, o toque corporal, a atenção à respiração, à fluidez e/ou rigidez e o compartilhamento de suas sensações experienciadas. Isto tudo feito levando em consideração a abertura da relação com a pessoa e avaliando se estes trabalhos facilitarão os próximos passos de quem busca ajuda.

2.8. Notes on Anxiety and Fear

O capítulo "Notes on Anxiety and Fear" foi originalmente uma apresentação para o Instituto de Gestalt-Terapia de Nova York em 1965 e é publicado pela primeira vez em inglês no livro "Living at the Boundary". Aqui, Laura disserta sobre aspectos relevantes em torno desses dois termos: ansiedade e medo. A leitura do capítulo evoca de forma nítida teorias de base da gestalt-terapia, principalmente a teoria organísmica.

A autora começa o capítulo falando sobre o medo. Este sentimento estaria ligado à alteridade, à descoberta de uma diferença, à constatação de um objeto ou evento. Desse modo, há uma alta mobilização de energia, um momento de *awareness* em que o organismo se prepara para manipular uma situação e, devido a isso, é capaz de realizar essa manipulação de forma extraordinária, havendo contato com o perigo.

A ansiedade está relacionada ao momento em que o estado de indiferença, experimentado em uma confluência, é perturbado. Ao

observar crianças, é possível perceber que elas lidam com a ansiedade por meio de uma irritação, que é descarregada em movimentos motores capazes de promover e provocar mudanças suficientes para que a confluência com o meio possa se restabelecer e o organismo volte ao estado de indiferença. A ansiedade, portanto, é um sentimento de irritação indiferenciado que não possui orientação criativa, ou seja, de reação para lidar com a situação.

Posteriormente, Laura expõe como um momento de paralisia devido ao medo não é possível de acontecer com uma criança, ou um adulto em que as funções de contato e suporte estão funcionando. Essa paralisiação é um momento de inibição de uma manipulação potencialmente inadequada em combinação com a sensação de culpa e desorientação. Ao final do capítulo, a autora ainda pontua que, em situações de psicose, os apelos por atenção de crianças são mais reconhecidas e mais possíveis de serem atendidas do que as de adultos, que possuem maior complexidade e outras complicações introjetadas pedindo satisfação.

2.9. Some Aspects of Gestalt Therapy

Este capítulo inicia com Laura relatando um sonho que ela se recorda quando é chamada para falar sobre a Gestalt-Terapia, já em uma posição de autoridade do assunto. A autora relata o sonho como o começo de sua discussão, que avança em direção a conceitos-chaves dessa teoria. Segundo Laura, uma teoria – incluindo a gestalt-terapia – é uma construção que atendemos com o propósito de comunicar, racionalizar e justificar nossas práticas.

Na sequência, tece uma discussão acerca dos aspectos e conceitos fundamentais à Gestalt-Terapia, como *awareness*, contato e suporte. Esta discussão está pautada numa perspectiva dinâmica e é baseada no conceito de fronteira entre organismo e ambiente. Com isso, situa a prática gestáltica como um processo em que

terapeuta e cliente estão se descobrindo e descobrindo um ao outro, enquanto inventam o relacionamento de que fazem parte.

Ao falar de contato, Laura situa estes acontecimentos como fenômenos de fronteira, ou seja, há um constante movimento de identificação e alienação, permeado de múltiplas sensações que emergem desse movimento. Adiante, a autora é categórica ao afirmar que o contato só é possível enquanto o suporte para o mesmo está disponível. Isso indica como o conceito de suporte é fundamental, sendo caracterizado como tudo em que nos apoiamos, até mesmo os aspectos fixados de nós mesmos. E é por isso que o processo de *awareness* em terapia pode ser transformador quando entramos em contato com estes pontos fixos, que muitas vezes não são mais reconhecidos, a fim de reconstruir aspectos atualizados de nossas vidas.

2.10. Comments on the New Directions

Esse capítulo foi publicado originalmente em 1974 no "The Growing Edge of Gestalt Therapy" editado por Edward W. L. Smith. Laura começa contextualizando novamente a que se refere o conceito de "gestalt", concluindo que, a partir desse ponto de vista, é no aqui e agora que está tudo que existe. A autora fala novamente sobre um "*awareness continuum*" como o movimento que acontece espontaneamente entre figura e fundo e situa esse movimento como o alvo do trabalho em Gestalt-Terapia. Entretanto, automatismos são necessários como uma forma de guardar energia e oferecer suporte para o que está se passando no momento.

A desatualização dessas fixações pode levar ao comprometimento do suporte necessário ao contato e, portanto, de um movimento de "*awareness continuum*". Com base nesta argumentação, Laura afirma que a própria Gestalt-Terapia enquanto uma teoria é por si só uma

inovação constante em curso e que pode apontar para quantas direções forem possíveis e estiverem disponíveis na relação terapêutica.

Uma fronteira elástica é onde o movimento de “*awareness continuum*” ocorre. Este movimento passa a ser interrompido desde a infância, quando a dinâmica de desenvolvimento e crescimento do organismo passa por interferências que comprometem o movimento espontâneo da fronteira do organismo, e cristalizam conteúdos de suporte que passam a funcionar como resistências. Laura afirma que o comprometimento da fronteira de contato é, em nossa sociedade, promovido e favorecido por nossas organizações sociais, políticas, educacionais e científicas, mas também por nossas relações. Como exemplo, a autora comenta sobre relações de casamento e da família em relação às crianças, argumentando como essas formas de nos relacionarmos estão pautadas na dependência, prejudicando a dinâmica espontânea de nós mesmos como organismos quando se exige dependência acima das necessidades de cada um.

Por fim, para Laura, “contato” não é um estado em que nos encontramos mas uma atividade para a qual nos dedicamos e, na relação terapêutica, é possível perceber quais funções de suporte precisam ser desenvolvidas e quais formas de suporte temos disponíveis enquanto terapeutas para oferecer ao cliente, de modo que seja possível lidar e se responsabilizar aqui e agora pelos impasses que estão fixados e que comprometem suas fronteira de contato.

2.11. Concepts and Misconceptions of Gestalt Therapy

Neste texto, Laura discorre sobre e responde algumas concepções equivocadas sobre a Gestalt-Terapia. O texto foi um discurso para a “*European Association for Transactional Analysis*” em 1977 e foi publicado em 1978 no “*Voices*”. A autora afirma que os conceitos básicos da

Gestalt-Terapia não são bem compreendidos ou mesmo são desconhecidos, levando a falhas até mesmo dos que trabalham com a abordagem. Ela também afirma que o modelo e estilo de Fritz Perls em *workshops* possui influência nesse cenário.

Como forma de resposta, defesa e discussão sobre esses desentendimentos acerca da Gestalt-Terapia que chegavam até ela – e continuam influenciando o campo até hoje –, a autora faz fortes referências às teorias de base que fundamentaram a construção da abordagem. No texto, há a visão de Laura sobre o salto teórico que foi realizado em relação à Psicanálise e como esse caminho foi feito por meio de uma mudança teórico-filosófica de uma abordagem que passa a ser existencial-experimental. Cita a teoria organísmica de Kurt Goldstein e a perspectiva de Reich, entre outros entrelaçamentos presentes na elaboração da teoria gestáltica. Há uma defesa da profundidade e rigor teórico nos estudos e pesquisas em Gestalt-Terapia que oferecerão suporte para as práticas realizadas.

A preocupação de Laura com os conceitos de fronteira, contato e suporte reaparece, reafirmando a suas importâncias. O uso da palavra “*boundary*” ao longo de todo o livro para descrever a fronteira entre organismo e ambiente chama a atenção pelas outras possíveis traduções como “limite”, e outras menos comuns como “contorno” e “delimitação”. Esse contexto de sentido pode indicar de forma mais completa o que Laura está dizendo ao explicar o movimento da fronteira de contato em relação à consciência simultânea do novo que emerge como figura e do fundo que dá suporte para esse movimento. Laura Perls faz referência à criação e ao movimento de crescimento como um lugar de uma borda onde temos a experiência de estar com um pé em solo familiar e outro pé em solo estranho.

Laura conclui que um bom terapeuta não aplica técnicas, mas implica a si mesmo no pro-

cesso de relação terapêutica. Com paciência, dedicação, tempo e intuição é possível alcançar momentos únicos de crescimento e integração, com comprometimento à profundidade da proposta teórica da Gestalt-Terapia.

2.12. A Workshop with Laura Perls

O capítulo "A Workshop with Laura Perls" é uma transcrição de um *workshop* coordenado pela Gestalt-terapeuta em Nova Iorque, em 1980. Por meio dele, podemos conhecer um pouco do estilo de Laura como psicoterapeuta. Neste grupo, ela trabalha as questões dos participantes, como suas frustrações e sonhos, bem como retoma suas percepções sobre a infância, raiva, contato e suporte. A transcrição começa com Laura falando sobre realidade, e como a percepção desta é a própria *awareness* do que é, e o que é vai depender do que a pessoa leva em consideração em situações específicas de seus contextos e do que quer que esteja disponível para agir.

Logo com o primeiro participante, Laura disserta sobre a importância fundamental do conceito de fronteira – onde a *awareness* acontece e toma lugar – no qual excitação e interesse podem emergir, bem como a inquietação e a vergonha. Nesta mesma resposta, Laura aponta que a ansiedade é o que acontece quando alguém não consegue tolerar a incerteza, e, ao tentar acobertar isto, a pessoa busca não se responsabilizar pelas situações ou tentar mascarar com certa determinação – o que gera contato dessensibilizado.

Ainda sobre contato, ela complementa, já com outro participante, que contato é necessariamente algo que alguém faz, no sentido de criação e produção (usando a palavra em inglês *make*), e que alguém faz agindo sobre (usando a palavra inglesa *do*). Essa diferença é primordial, pois, para a autora, alguém age (*does*) com o que quer que está no meio do fazer (*making*) contato.

Laura reforça, ainda, que em qualquer terapia é necessário se focar nas gestalten fixadas, pois são resistências que se tornaram automáticas após terem sido auxiliares em uma situação anterior. Depois, se tornaram apoio para outras situações e perdeu-se a consciência sobre isso. Elas podem ser ideias, atitudes, etc., todas fixadas e generalizadas para situações que não as requerem. O que a Gestalt-terapia pode fazer é ajudar a *desautomatizar*.

Porém, é necessário tomar cuidado com manipulações, pois elas tendem a romper resistências sem antes reconhecer se há suporte suficiente para o que vem depois. Adiante, no *workshop*, ela acrescenta que só é possível adquirir novos hábitos quando alguém primeiramente se permite sentir o que está fazendo, para, assim, experimentar fazer outra coisa.

Sobre infância e aprendizagem, é possível perceber a influência dos anos de trabalho de Laura com crianças (e suas percepções advindas da psicanálise), e inferir o quanto presente ela esteve nas discussões sobre mastigação e assimilação. Sua elaboração sobre a importância da assimilação na infância é utilizada também para exemplificar como o próprio processo de aprendizagem ocorre em muitas instituições de sua época – e, se pararmos para pensar, continua acontecendo. Muitos assuntos são pré-mastigados e empurrados "goela abaixo" dos estudantes, de uma só vez, sem dar-lhes um tempo e espaço para assimilação. Ademais, este processo de engolir sem criticidade gera uma grande influência para a confluência. Segundo ela, o que não se encaixa na confluência é alienado e gera culpa e rancor. Em relacionamentos confluentes, por exemplo, há sempre um comandante e um seguidor.

Laura maneja tal possibilidade em seu *workshop*, e pede que os participantes mastiguem, saboreiem, o que acontece. Em um certo ponto das práticas, porém, é possível perceber que os participantes estão cheios de expectativas e idealizações com o que pode acontecer e,

muitas vezes, a compararam com o método de Fritz. Em um momento, há conflito no grupo enquanto alguns argumentam sobre seu estilo – uns discordando completamente de sua maneira, outros apoiando-a e admirando-a.

A essas expectativas, Laura responde que ir com expectativas a certas direções sempre gera decepção e que é assim que "um se previne de experimentar o que está realmente acontecendo" (pág 134, 1991).

2.13. Commitment

Neste capítulo, Laura Perls discorre acerca do conceito de *compromisso*. Apesar de não ter recebido os devidos créditos, trabalhou e contribuiu de maneira fundamental nos escritos de "Ego, Fome e Agressão". Segundo ela, o isolamento profissional e confinamento, forçou-os a focar em seus interesses e em suas fontes – o que os mobilizou com criatividade para sobrepor a "dormência dentro das limitações da psicanálise" (pág 158, 1991). Muitas das ideias iniciais da Gestalt-Terapia surgiram durante as conversas entre eles, de uma forma quase confluyente, e é possível crer que não teríamos alguns conceitos tão relevantes sem sua presença, saber e vivência.

Após casar-se com Fritz Perls e, juntos, terem um filho, Laura, como uma mulher judia, na década de 40 do século XX, precisou abandonar seu trabalho de doutorado e se mudar para a África do Sul fugindo das tensões políticas na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Ao final do livro, ela menciona que, durante estes momentos de sua vida, se sentiu "aprisionada e ressentida e desesperadamente procurava por uma saída" (pág 157, 1991). Na África do Sul, entre suas paredes e sem saída, Laura se dedicou às práticas de piano, conversas face à face e à consciência corporal, escrevendo histórias e poemas.

É importante destacar que, quando Fritz Perls e Paul Goodman decidiram criar o Ins-

tituto de Gestalt-Terapia em Nova Iorque, Laura não queria fazer parte, apesar de estar sempre presente e contribuindo em todas as discussões e desenvolvimentos da abordagem. Entretanto, quando mais de quarenta alunos apareceram para as primeiras aulas de Fritz, e ele assumiu um grupo com vinte dessas pessoas para os trabalhos psicoterapêuticos, Laura ficou responsável pelos demais – o que a fez se sentir sob imposições, e, mais uma vez, aprisionada, ressentida e assustada, pois nunca tinha trabalhado com grandes grupos. De início, tentou trabalhar com as palestras de Fritz, mas, ao perceber que não funcionava para si, Laura desenvolveu seu próprio estilo.

Laura acreditava que o compromisso está ligado ao reconhecimento e priorização das necessidades de acordo com o contexto no qual estamos inseridos. Destaca também que, a depender deste contexto, as escolhas se tornam mais difíceis. Na história de Laura, a escolha por deixar seu trabalho e estudos na Alemanha e fugir para a África do Sul com Fritz foi imposta pela perseguição e avanço do Nazismo a Judeus, desta forma, o compromisso com a sobrevivência e sua família exige sacrifícios em detrimento de valores coletivos. De acordo com a Gestalt-terapeuta, então, o compromisso está entrelaçado com a disciplina, compreendendo que esta última pode assegurar o bem-estar das pessoas, desde que esteja alinhada com interesses compartilhados.

No *setting* terapêutico, por exemplo, o compromisso pode ser trabalhado por meio da ênfase no presente ou com pedidos de exagerar gestos, repetir frases e palavras, no intuito de evidenciar ao que/a quem a pessoa está servindo, a quais regras e ordens se submete e o que sacrifica para a manutenção de um *status quo* dentro de sua realidade contextual. Para Laura, o compromisso voluntário, ou seja, aquele que abandona o conhecido em direção a mudança, este sim é o mais complexo.

REFERÊNCIAS

PERLS, Laura. *Living at the Boundary*. U.S. The Gestalt Journal Press, 2012-1991.

PERLS, Frederick Salomon. *Ego, Fome e Agresão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus, 2002-1942.

Ana Júlia Chaves Melo – Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Pará; membro do grupo de pesquisas Gestálticas em Saúde e Corporeidade - CorpOralidades e do InquietAções - Arte, Saúde e Educação (UFPA).

Marcos Vinicius Monteiro Barbalho – Graduando do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Pará; membro do grupo de pesquisas Gestálticas em Saúde e Corporeidade - Corporalidades (UFPA).

Paula Marília Nascimento Moura – Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Pará; membro do grupo de pesquisas Gestálticas em Saúde e Corporeidade - Corporalidades (UFPA).

Zay Nogueira de Sales – Graduando do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Pará; membro do grupo de pesquisas Gestálticas em Saúde e Corporeidade - Corporalidades (UFPA).